

**O que conseguirias aguentar
para defender aquilo em que acreditas?**



Catarina C. Branco

Aviso de Conteúdo

Este livro contém cenas que podem ser consideradas perturbadoras, incluindo descrições de abuso físico e sexual.

Título Original: Escolho Ser Eu
Autora: Catarina C. Branco
Copyright © Catarina C. Branco
Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Edição: Tânia Roberto
Revisão: Catarina Alves

Coordenação de Marketing: Iara Andrade
Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto/Catarina C. Branco
Design de Capa: Tânia Roberto e Catarina C. Branco
Imagem de Capa: Canva
Marketeer: Ana Margarida Caçador

1ª Edição: julho de 2023
2ª Edição: julho de 2024
Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

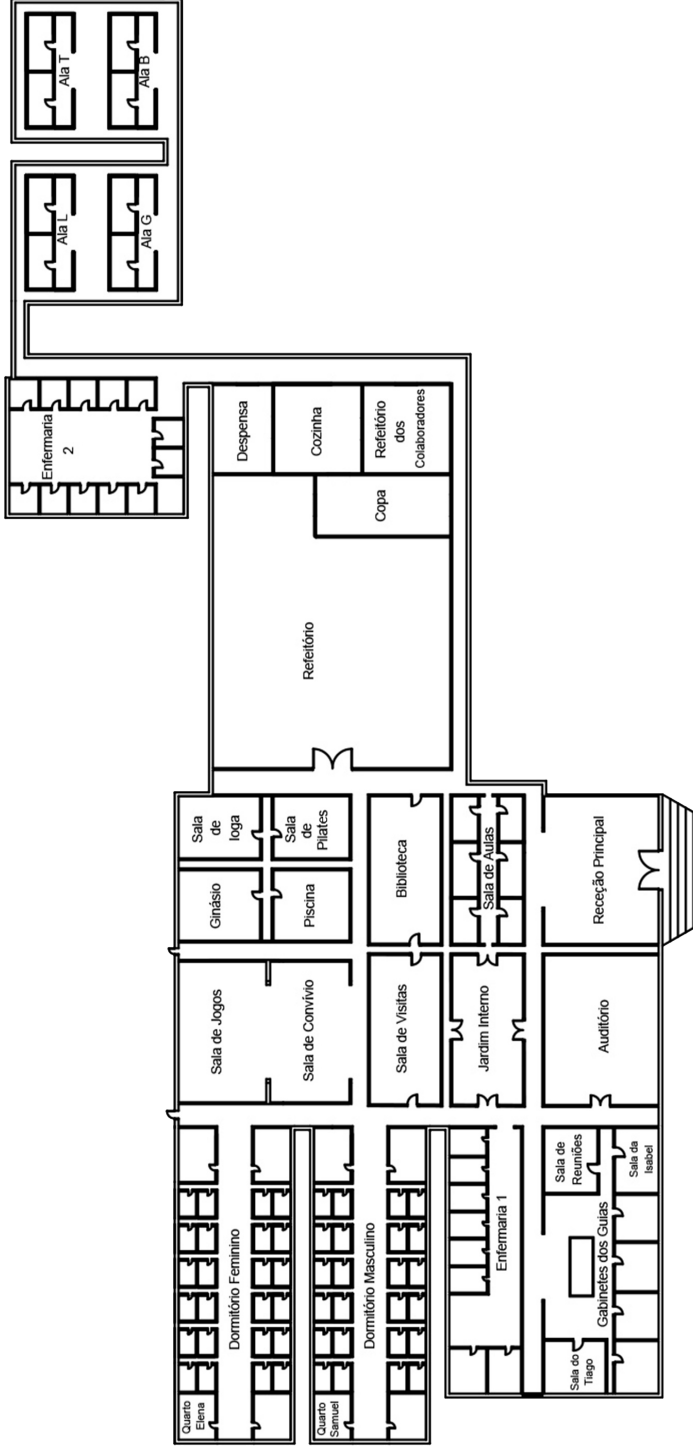
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

ISBN: 978-989-9166-65-3
Depósito Legal: 534345/24

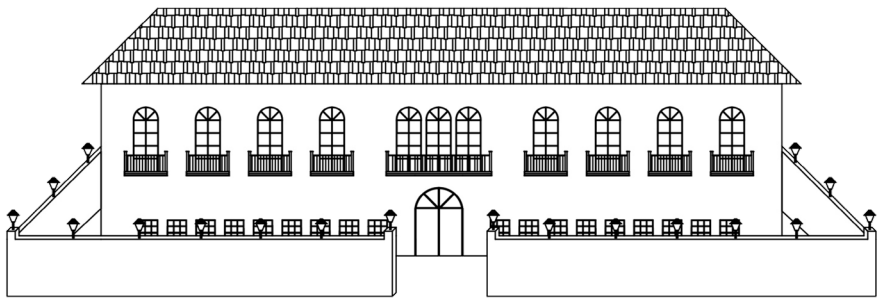
NG
Nova Geração
Editora

*Àqueles que tiveram coragem de serem eles próprios,
mas sobretudo aos que ainda lutam para se libertarem do preconceito.*



AS MÚSICAS DO LIVRO ESCOLHO SER EU





Capítulo 1

A maioria dos jovens da minha idade espera ansiosamente pelo fim de semana. É compreensível, podem fazer quase tudo o que pretendem. Comigo as coisas não são bem assim. Durante o fim de semana, sou atolada de explicadores para fazer os trabalhos da escola e rever a matéria daquela semana. Não obstante, a minha mãe consegue sempre uma forma de ocupar as noites de sexta e de sábado com concertos de música clássica ou peças de teatro.

— Um pouco de cultura não lhe fará mal, Elena — justifica com arrogância.

No entanto, é óbvio que estas saídas são uma forma de passar uma imagem bonita para as outras famílias do mesmo estatuto. A minha mãe sempre teve a mania de ostentar mais do que é. Eu sei que ela prefere ficar na sala de estar a ver os seus degradantes programas de televisão, com um copo de vinho branco numa mão e o cigarro de mentol pendurado na outra. Mas estes caprichos da minha mãe são largamente superados pelos jantares a que o meu pai nos obriga a comparecer.

— Filhota, é apenas um jantar. Prometo que se vai divertir — tenta dissuadir-me com condescendência.

É engraçado observar o esforço que ele faz para me ludibriar com motivos supostamente plausíveis. Porém, o seu único objetivo é passar a imagem de homem de negócios poderoso, marido extremoso e pai carinhoso. Na realidade, somos apenas uma falsificação da família perfeita.

Raramente os observo a trocar um carinho em privado e discutem desde que acordam. Dormem em quartos separados desde que o meu pai arranjou uma amante. O desgosto de ter sido trocada por outra mulher, vinte anos mais nova, não é o suficiente para a minha mãe abandonar a vida de luxo que ele lhe proporciona. A melhor maneira de afogar a mágoa de esposa traída é através das suas bebidas alcoólicas preferidas, aos sábados à noite, enquanto o meu pai divide a cama com outra. Se as pessoas conhecessem os esqueletos escondidos no armário dos Castro de Albuquerque, toda a cidade pegaria fogo. O mais triste é ambos obrigarem-me a compactuar com estas charadas sociais e a ocultar todos os podres da família.

Esta sexta-feira não é diferente. O ano letivo está a terminar, contudo, assim que chego a casa, tenho o explicador à minha espera na sala de estudos.

Tento despachar-me o mais rápido que consigo, para me livrar desta tortura. Assim que me vejo livre do explicador, decido comer alguma coisa.

— Nem pense encher-se com porcarias, vá arranjar-se. Já tem a roupa preparada em cima da cama — diz a minha mãe após ter estado a gritar com o meu pai.

— Mas ainda é cedo, são apenas cinco da tarde.

— Agradeça ao seu querido pai por avisar em cima da hora que tínhamos um jantar em casa de um amigo. Até nos fez perder os bilhetes para o teatro!

Balanço a cabeça para trás, reviro os olhos e expiro sonoramente à medida que subo a extensa escadaria de mármore, e de todas as vezes penso o mesmo, que se um dia me falhar o pé, é morte certa. Percorro o corredor até ao meu quarto que fica ao fundo. Olho para cima da cama e rio-me.

— Aquela mulher tem um péssimo gosto! Nem pensar que vou usar isto — murmuro, arrumo a roupa no guarda-fato e troco por outra do meu agrado.

Vou à casa de banho do meu quarto e, enquanto a água aquece, pego no telemóvel para averiguar as horas. Reparo que tenho uma mensagem.

Gostei muito de estar contigo hoje. (06:28)

Um sorriso surge no meu rosto e rapidamente a minha mente recua até à manhã daquele dia.



Enquanto tomo o pequeno-almoço no liceu, uma rapariga aproxima-se.

— Posso juntar-me a ti?

Aceno de olhar preso nela, não era uma desconhecida, há semanas que reparo nela e na sua beleza. Confesso que a descrição não é o meu forte sempre que nos cruzamos. Lembro-me de uma vez chocar de propósito com ela só para ouvir a sua voz. E, naquela manhã, aquela rapariga dá o primeiro passo.

— Chamo-me Adriana e tu?

— Elena! — Abro um sorriso na sua direção.

Durante aquele intervalo de quinze minutos, são feitas e respondidas várias perguntas e, após aquele curto período de descanso, fico com a sensação de a conhecer há muito tempo. Ao som do toque de entrada, peço que volte a encontrar-se comigo à hora do almoço. Ela concorda e despede-se de mim com um beijo no rosto.

Enquanto estou na sala de aula, parece que o tempo passa mais devagar do que o normal. A minha perna balança constantemente e passo a mão no rosto várias vezes enquanto respiro profunda e sonoramente. Toco no ecrã do telemóvel na esperança de que já falte pouco para voltar a estar com ela. Tenho a boca seca, ao contrário das mãos que limpo nas calças.

— Precisas de ir a algum lado, Elena? — questiona a professora, tentando ser engraçada.

— Não senhora. — Coro ao perceber que o meu nervosismo é percebido e presenciado pelos outros.

Quando finalmente a campainha toca, salto da cadeira e saio de rompante pela porta. Tal como combinado, a Adriana espera por mim no jardim atrás da escola, sentamo-nos na relva e o sol espreita, preguiçoso, por entre os ramos das árvores.

Estamos sozinhas e, à medida que comemos, rio-me perdidamente das histórias que a Adriana conta acerca dos seus colegas. Uma vez por outra, também partilho acontecimentos engraçados.

Surge um silêncio embaraçoso que é quebrado quando a Adriana se debruça sobre mim e, sorrindo, toca com os seus lábios nos meus, num beijo suave. Ela afasta-se um pouco, talvez na tentativa de perceber a minha reação, e correspondo ao seu avanço.



*Também gostei de estar contigo e adorei ainda mais os teus beijos!
Temos de combinar qualquer coisa para segunda-feira. (06:30)*

Atiro o telemóvel para cima da cama e dirijo-me para o duche, recordando a pressão dos seus lábios.

A minha mente está distante da realidade, estou sempre a pensar naquela rapariga por quem começo a apaixonar-me. Mas como tal é possível se apenas estive duas vezes com ela? Será amor à primeira vista? Ou apenas uma atração juvenil? Independentemente do que seja, estou decidida a experimentar e ver até onde vai dar.

Após me vestir, olho-me ao espelho, arranjo umas madeixas de cabelo e acho que estou bem. Percorro o longo corredor, desço a escadaria com cuidado e junto-me à minha mãe no *hall* de entrada.

— Porque estamos à espera, o pai ainda não se arranjou?

— Foi o primeiro, está apenas a terminar um telefonema com um cliente.

O meu pai não fala propriamente baixo, penso que a minha mãe está a ficar surda ou prefere ser cega, ele está a chamar querida e amor à amante. A minha paciência para os dramas deles há muito que se esgotou, até fazer ou dizer algo, desisti, pois sou sempre afastada bruscamente. Segundo eles, são assuntos de adultos e não passo de uma criança. Sim, uma criança de dezasseis anos que já se apercebe de muitas coisas da vida.

Quando o meu pai finalmente abandona o escritório, seguimo-lo até ao carro onde o Afonso, o motorista, espera por nós com a porta aberta. Entro primeiro, seguida pelos dois.

— Veja lá se hoje se contém no vinho, ouviu? — resmunga o meu pai para a minha mãe, sem levantar os olhos do telemóvel, assim que o carro inicia a marcha.

— Talvez não acontecesse se disfarçasse melhor os olhares porcos que lança aos decotes das mulheres dos seus amigos — riposta a minha mãe.

Assim se inicia uma longa viagem, com indiretas para um lado e insultos para o outro. Cresci neste ambiente e nada do que digam mutuamente é novidade. Conecto os auriculares *wireless* ao telemóvel e deixo que a música abafe aquela relação em decadência que teima em não terminar. A única coisa que me preocupa é que aconteça o mesmo da última vez. A comida era péssima e a conversa um aborrecimento mortal. Além disso, foi exaustivo ter de recusar todos os avanços do filho mais velho, que era demasiado mimado e não sabia lidar com a rejeição.

O motorista para em frente a uma casa desmedida. Saímos do carro e admiro as árvores altas e verdejantes, plantadas com uma distância minuciosamente calculada em cada lado da pequena estrada de gravilha que nos guia da rua até à entrada da moradia. Surpreende-me o tom de lilás dos amores-perfeitos e fecho os olhos quando os aromas da lavanda e do jasmim invadem os meus sentidos. O meu pai chama por mim e lanço um último olhar àquele pequeno mar colorido. Quando me aproximo, o meu pai, hipocritamente, pousa uma mão na cintura da minha mãe, abraçando-a, e coloca a outra no meu ombro enquanto esboça o sorriso ensaiado de sempre. Caminhamos até à porta da residência onde um empregado nos espera.

Que comece o espetáculo! — penso com amargura.

Estamos na entrada, olho à minha volta enquanto entrego o casaco e fico fascinada! De cada lado da porta e por cima, há duas janelas amplas com cortinados de tecido branco, liso. À minha esquerda tem o início da escadaria de mármore claro, que se conecta ao andar superior e parece muito mais segura do que a nossa. O resto da entrada é grande e com uma leveza e frescura indescritível! Para além de ser um pouco maior do que a nossa, está decorada

de forma simples e com muito bom gosto. Ao fundo tem uma *chaise longue* e duas poltronas pretas, contrastando com o branco das paredes e a tijoleira luzidia do chão. No teto, encontra-se pendurado um lustre de ferro escuro capaz de iluminar toda a divisão com o auxílio de pequenas lâmpadas embutidas de forma discreta e perfeita. Não há jarras japonesas da dinastia não sei das quantas, nem arranjos de flores espalhafatosos, feios e malcheirosos.

— Que bom voltar a ver-te, Albuquerque! — cumprimenta o amigo do meu pai ao sair por baixo de um arco criado na parede que dá para outra sala mais reservada.

— Mourão, meu velho amigo! Obrigado por nos receberes em tua casa.

— Carmo, como sempre, uma jovem lindíssima — sussurra o senhor Mourão dirigindo uns olhares estranhos à minha mãe enquanto lhe beija a mão, ela parece derreter-se. — A tua filha está crescida, praticamente uma mulher. E bonita também!

— Esperavas menos do que isso? Já devias saber que as mulheres da minha vida são todas lindas — contradiz o meu pai. Estaria também a referir-se à amante?

— A minha mãe está na cozinha a verificar os últimos detalhes e a minha filha também deve estar quase a descer. Por isso, podemos deslocar-nos até à sala de estar onde já prepararam um aperitivo para nós.

— Chama-se *amuse-bouche*, papá — replica a filha do senhor Mourão ao aparecer atrás de nós.

— Meus amigos, a minha linda filhota, Adriana.

— Elena? O que fazes aqui? — indaga ela ao correr na minha direção e abraça-me.

— Vim jantar a casa do amigo do meu pai que aparentemente é a tua — sorrio.

— Ó, Albuquerque, que engraçado as duas meninas serem amigas!

— Ao menos não se aborrecem com coisas de adultos — replica o meu pai, rindo-se condescendentemente.

Pela primeira vez, uma saída social não está a ser um martírio. A comida, para além do aspeto e cheiro divinais, tem um sabor extraordinário, completamente diferente daquela toda pomposa e de pessoas finórias. Além disso, os meus pais não estão a envergonhar-se. O senhor Mourão é viúvo e, sem uma mulher para o meu pai se atirar, não há motivos para a minha mãe se enfrascar com o vinho oferecido pelo anfitrião.

No entanto, muito melhor do que isso, é o facto de não haver filhos aborrecidos e mimados, mas antes uma filha linda cujos lábios já tive o prazer de conhecer.

Quando eu e a Adriana terminamos de jantar, ela faz-me um sinal discreto, que entendo ser uma deixa para sairmos dali. Sorrio e aceno com a cabeça. Com a devida autorização, saímos da sala de refeições e, quando atravessamos o *hall*, a Adriana entrelaça a mão na minha e guia-me pelos corredores até chegarmos ao seu quarto. O meu coração bate de forma acelerada, estranha, e a minha boca fica seca na ânsia de perceber o que ela tem em mente.

Quando a porta do cómodo se abre, o aroma do perfume dela invade-me de imediato e sorrio. Ao fundo, está a cama de pinho coberta com uma colcha branca e flores cor de laranja e uma mesa de cabeceira em cada lado. À minha direita, há um armário maior que o meu e com roupa muito feminina, do outro lado, está um janelão enorme que dá para as traseiras da casa. Sorrio quando observo o seu material escolar extremamente organizado na secretária. Olho uma vez mais à minha volta, absorvendo cada recanto da divisão, quando a Adriana me puxa pelo braço. Recuo uns passos, fico bem perto dela e beijo-a.

— Hoje deve ser o meu dia de sorte! Pensava que só voltaria a estar contigo na segunda-feira.

— Realmente, foi uma coincidência do caraças o amigo Albuquerque ser o teu pai. — Adriana volta a beijar-me e pressiona o meu corpo contra o dela, as suas mãos pousam nas minhas costas.

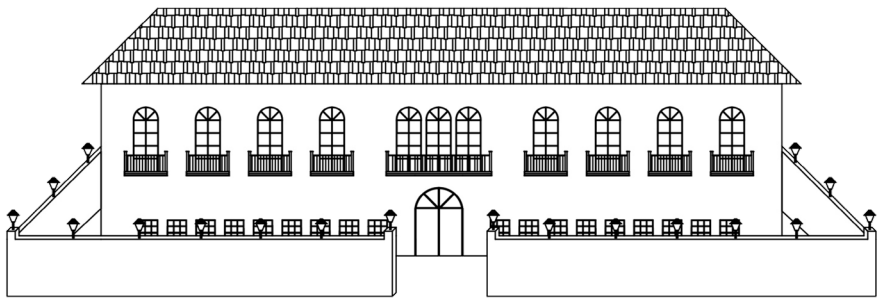
— Que achas de vermos uma série enquanto eles falam de coisas chatas? — sugiro, aproximo-me da janela e fico fascinada com o jardim traseiro da sua casa totalmente florido.

— Pensei que querias fazer coisas mais interessantes. — Ela abraça-me por trás e beija-me o pescoço.

Adriana desce com as suas mãos pela minha cintura até à bainha do meu vestido, que levanta, e acaricia as minhas pernas. Viro-me para ela, que volta a beijar-me sem parar de me tocar. A seguir, puxa-me pelo vestido na direção da cama, onde se aconchega, encostada à cabeceira. Descalço-me, sento-me no seu colo, de frente para ela, com uma perna para cada lado. Algumas das minhas madeixas caem para o meu rosto ao debruçar-me sobre ela. Apanho-as e, mantendo-as presas ao resto do meu cabelo, continuo a beijar a Adriana. Ela acaricia as minhas costas à medida que abre o fecho do meu vestido e me deixa o corpo descoberto. Sinto as suas mãos a deslizarem pelo meu ventre até pousarem suavemente nas minhas coxas. A Adriana levanta mais um pouco o meu vestido e, quando me toca, arqueio o corpo para trás enquanto solto um gemido de prazer. Penso que aquela não era a sua primeira vez porque as suas carícias são perfeitas! Apoio-me para trás com as mãos na cama e, sem controlo, acompanho o movimento da sua mão.

— Elena, o pai recebeu uma chamada e temos de... — A minha mãe bate e entra sem permissão no quarto da Adriana. — Desculpem-me! — replica e fecha a porta com estrondo.

— Foda-se! — praguejo ao saltar da cama.



Capítulo 2

Com ajuda da Adriana, componho o vestido, calço-me e saio do quarto em passo de corrida. Observo a minha mãe ao fundo do corredor, chamo por ela, mas não reage. Corro na sua direção e alcanço-a no início da escadaria.

— Mãe, peço-lhe desculpa! — suplico, tocando-lhe no braço.

— Falamos em casa.

— Mas mãe...

— Já disse que falamos em casa! Agora desça já à minha frente e meta-se no carro! — interrompe-me enquanto me olha de nariz franzido e o lábio superior meio-levantado.

Sinto o meu rosto a queimar, um nó começa a ganhar forma na minha garganta. Ela desce as escadas depressa, despede-se do senhor Mourão fuzadamente e nem sequer olha para o cimo da escadaria onde Adriana observa os nossos movimentos até sairmos.

Pela primeira vez, uma viagem de regresso é demasiado silenciosa, até a minha cabeça começa a doer. O meu pai fica vidrado no telemóvel, a minha mãe carrega uma expressão fechada, cerra os dentes com tamanha força que consigo observar os músculos do seu rosto a contraírem-se. Sinto o coração acelerado quando lhe toco no braço, discretamente, para lhe falar, mas ela recusa. Rendida, viro a cabeça para a janela. As árvores e os pequenos arbustos à beira da estrada passam rápido lá fora e a minha visão começa a embaciar. Passo a mão nos olhos para recolher as lágrimas que não consigo segurar enquanto engulo em seco.

Assim que o motorista estaciona em frente à entrada, entro cabisbaixa e em passos lentos em casa. A minha mãe, em silêncio, move-se em direção à escadaria que a leva ao piso superior, o meu pai, por seu lado, retira-se para o escritório. Parada no *hall* da entrada, observo cada um a dirigir-se para o seu lado e penso que vai acontecer o mesmo de sempre. Algo muito importante acabou de acontecer e é ignorado, ao invés de conversarmos os três. Eu já aceitei que eles tenham desistido de ser um casal, no entanto, entristece-me mais que se demitam do papel de pais.

— Que merda estava a fazer no quarto com aquela miúda? — grita a

minha mãe parada na escadaria, de costas para mim. — Responda! Que porcaria estava a fazer enquanto estávamos todos descansados a jantar? — berra, descendo os poucos degraus que subira.

Os seus gritos ecoam pela divisão, levando os empregados a verificarem o que se passa.

— Vá, diga-me, que merda estava a fazer em cima daquela rapariga? — volta a indagar assim que os empregados fingem ausentarem-se e se escondem atrás das portas para ouvirem o novo escândalo da família Castro de Albuquerque.

O meu corpo treme, o coração galopa veloz, sobe pelo peito e fica preso na garganta. Sinto as lágrimas a molharem-me o rosto. Não por tristeza, mas por medo! O que seria de mim agora?

— Eu gosto de mulheres, gosto da Adriana.

— Gosta da Adriana? Uma mulher? — cospe as palavras, mirando-me de novo com o mesmo olhar de há meia hora.

— Que raio se passa agora nesta casa? — pergunta o meu pai, metendo a cabeça fora do escritório, franzindo as sobrancelhas.

— Pergunte à sua filhota a porcaria que andava a fazer com a filha do seu querido amigo Mourão! — riposta a minha mãe, enquanto ele olha para mim como se pedisse uma explicação.

— Eu gosto de mulheres, eu gosto da Adriana — repito de novo com as lágrimas a caírem no meu peito, o que me molha o vestido.

— Vê? A sua filha gosta de mulheres, gosta da Adriana! É tudo culpa sua! Sempre ausente em saídas de trabalho urgentes. Não soube dar disciplina e estrutura à sua filha. Agora ela está assim, desamparada, a pensar que é lésbica e que gosta de mulheres! É tudo culpa sua, Albuquerque!

À medida que grita com o meu pai, ela anda às voltas na entrada de casa, entre o início da escadaria e a porta do escritório, com as mãos na cabeça. Pela primeira vez, vejo-a descomposta, de olhos esbugalhados e cabelo desgrenhado. Por isso, afasto-me para um canto com medo de que ela seja capaz de cometer alguma loucura contra mim. O meu pai caminha até ela, calmo e em silêncio. Será que ele tentará tranquilizá-la? Agilmente, ele agarra-a pelo pulso e dá-lhe uma bofetada. Ao mesmo tempo, fecho os olhos, assustada com o eco da agressão. Ela acalma-se e, esfregando o rosto, pede perdão e sobe as escadas.

— Elena! — A voz do meu pai soa como um trovão no meio da casa.

Saio do meu esconderijo e coloco-me à sua frente de cabeça baixa. Apesar de sermos quase da mesma altura, é impossível não me sentir pequena face à sua imponente presença. Pelo canto do olho, observo a Daniela com a mão na boca para não a ouvirmos chorar.

— Venha comigo! — ordena à medida que volta para o escritório e, sem demora, sigo-lhe os passos.

O meu coração bate que nem louco no meu peito, inspiro o ar que me rodeia bem fundo. Será que também me agredirá? A nossa família é muito conservadora, com um *status* social que não permite escândalos. Respiro fundo por diversas vezes, sinto o coração a latejar na garganta enquanto ele encontra uma posição confortável no seu cadeirão e acende um charuto.

— Eu continuo a amá-la, filhota, e estarei sempre do seu lado. — Expulsa um bafo de fumo que se espalha lentamente no ar.

Olho atônita para aquele homem. Estou tão surpresa, o meu corpo não reage, a minha voz fica perdida numa dimensão longínqua. Dele espero insultos, humilhações e até mesmo algum tipo de agressão. Do meu pai consigo prever tudo, menos aceitação.

— E a mãe?

— Ela é o menor dos nossos problemas. Não se preocupe, havemos de encontrar uma solução. Agora, se me dá licença, o pai precisa de retomar uma chamada.

Aceno e, ao sair daquele cómodo, culpo-me por pensar sempre o pior dele. A minha cabeça lateja, o coração está tão acelerado que até me dói o peito. Inspiro o mais fundo que consigo, mas parece não haver ar suficiente à minha volta para conseguir respirar. Uma vertigem faz-me cair de joelhos no chão, agarrada ao peito. A minha mente rumina em pensamentos intrusivos que põem em causa todas as conceções e crenças que construí acerca daquele homem. A minha garganta está bloqueada por um nó que apenas se desmancha quando as lágrimas deslizam pelo meu rosto, atropelando-se umas às outras. Enquanto ouço o meu choro compulsivo a fazer eco no *hall*, sinto que alguém me agarra por um braço e leva-me para a cozinha.

— Vá, minha pequenina, bebe este chá. Vai fazer-te bem — diz a Justina com carinho.

A Daniela senta-me numa cadeira encostada à mesa e a velha empregada entrega-me uma caneca. Ainda com as lágrimas a correrem pelo meu rosto e com as mãos a tremerem, faço mais força do que o normal para não entornar o seu conteúdo. Faço o que a Justina disse e bebo uns goles seguidos. Pouso a caneca na mesa e, de olhar perdido, passo o indicador à volta da borda. Fecho os olhos quando os meus pulmões exigem por uma respiração mais profunda. A velha cozinheira senta-se ao meu lado, toma entre os seus dedos uma mecha do meu cabelo que caiu para a frente e começa a enrolá-la, como só ela sabe fazer. Relembro o calor do seu colo que de todas as vezes me acalmou. E, tal como prometido, aquele líquido faz o meu coração bater mais devagar e

a minha respiração ficar mais calma. Agradeço àquela mulher, que apesar de não ser do meu sangue, de não ter nenhuma obrigação para comigo, sempre me protegeu e tratou como sua, algo que a minha mãe nunca soube fazer e muito menos tentou.

Mais calma, decido volver para o meu quarto, estou cansada e quero deitar-me. Despeço-me da Justina e dos restantes empregados, abandono a cozinha e sigo para o piso superior.

Já no quarto, fecho e tranco a porta na esperança de afastar os meus receios ou para evitar que a minha mãe entre para humilhar-me de novo.

— Ele não deixará que ela volte a fazê-lo. Ele disse que continuava a amar-me, que estaria sempre do meu lado.

Finalmente, aconchego-me debaixo das cobertas, fecho os olhos na esperança de conseguir descansar. É demasiado difícil impedir que imagens soltas de tudo o que aconteceu naquela noite não invadam a minha mente e façam com que o coração pareça um cavalo de corrida, mas lembro-me da conversa no escritório. A postura e as palavras que o meu pai pronunciou acalentam-me a alma. Antes de adormecer, nasce em mim uma sensação de segurança que só um verdadeiro pai pode criar num filho.



Durante o resto do fim de semana, evito ao máximo sair do quarto para não me cruzar com os meus pais. Para além de me envergonhar o facto de terem descoberto a minha orientação sexual, sinto-me culpada pela forma como tudo aconteceu. Era suposto ter sido mais tarde, com calma, com maior segurança. Penso que para a minha mãe seja mais difícil assimilar, porque descobriu da pior forma, apanhou-me em flagrante delito, tal como o ladrão é apanhado a roubar.

A Daniela percebe o quanto hesito sair do quarto. Então, leva-me as refeições, fico extremamente agradecida pela compreensão e empatia que tem para comigo.

— Acabaram-se os serviços de mordomia! A Elena se quiser comer vai lá abaixo! Isto não é um hotel! E livrem-se de voltar a trazer comida ou o que seja! — Ouço os berros da minha mãe, provenientes do corredor.

Abro uma frincha da porta e observo a Daniela cabisbaixa, de tabuleiro na mão, a desculpar-se. A minha mãe está a ser injusta porque a rapariga queria apenas tratar de mim, algo que ela nunca soube fazer. Ainda sinto um ímpeto

para abrir a porta e defender a pobre coitada, mas acobardo-me. Sentindo-me culpada, fecho a porta e deito-me na cama.

À noite, após verificar que nenhum dos meus pais se encontra no andar de baixo, desço sorrateiramente até à cozinha. Por sorte, ainda consigo encontrar a Daniela e desfaço-me em desculpas.

— Agora vou tentar chegar ao meu quarto sem que ela me veja — digo com o prato de comida na mão.

— Minha menina, sei que não somos pessoas do teu nível, mas temos todo o gosto que nos faças companhia para jantar. — A Justina aponta para um lugar livre na mesa dos empregados.

— Isto dos níveis tem muito que se lhe diga. Não servem de nada se não temos amor nem compaixão. É com muito gosto que fico — sorrio.

Sento-me no meio deles, alguns entreolham-se, quietos, como procurando uma forma de agir na minha presença. Há um silêncio naquela cozinha e consigo perceber que o Afonso tem alguma dificuldade em comer o frango assado com os talheres.

— Com licença! — Pego na perna de frango com as mãos, dou-lhe uma mordida, o que me deixa a boca besuntada do molho. — Tenho alguma coisa na cara? — Rasgo um sorriso na esperança de quebrar o gelo.

A Justina começa a rir-se tal como os restantes. A Daniela passa-me um guardanapo, e agradeço mentalmente quando o ambiente começa a ficar mais leve. Apesar de reticentes, os empregados começam a ser eles próprios, a falarem de si e das suas famílias. Apesar de serem pessoas humildes, das suas palavras e atitudes vêm compreensão, carinho e apoio. Sinto que estou em família!

Após comer, despeço-me e aceito voltar no dia seguinte para os acompanhar ao jantar. Com cuidado, retiro-me para o meu quarto.

— Francamente, Elena, agora até as refeições faz com os criados! Acho que a educámos melhor do que isso! — replica a minha mãe de peito aberto, a olhar-me de cima e com uma sobrancelha arqueada, a tão habitual expressão de superioridade desde aquele dia.

— A única coisa que me ensinou foi que o dinheiro e *status* realmente não compram educação nem humildade, algo que precisa com urgência — riposto de volta com azedume.

— Por acaso está a insinuar que não tenho educação? — grita ela, fazendo-me frente.

— Entenda como quiser. Mas nunca é demais a lembrar que eles não são apenas os seus empregados, são também seres humanos como eu ou a senhora. Quero dizer, como a mãe não sei, visto que é capaz de agir como

um monstro sem sentimentos, sem um pingo de empatia para com a sua única filha. — Tento manter o mesmo tom de voz.

Ela continua a olhar para mim com os lábios comprimidos, cerra os dentes com força e as sobrancelhas tremem enquanto as narinas dilatam. Vejo nos seus olhos que está a pensar em algo para me contra-atacar. O meu coração dispara e sinto os olhos a ficarem húmidos, mas mantenho a mesma postura de defesa.

— Realmente, a educação que lhe demos não serviu de nada. Até parece que criámos uma selvagem! — diz ao fim de uns segundos, abana a cabeça para os lados e volta para os seus aposentos.

Caminho para o meu quarto, fecho a porta e encosto-me a ela. À medida que troco de roupa e visto o pijama, os olhos enchem-se de lágrimas que pingam sonoramente no chão de madeira envernizado. É extremamente doloroso e angustiante a forma como o sentimento de abandono se abate em mim. Se antes suspeitava, agora tenho a certeza de que não signifique nada para ela.